

## **Datilologia, tradução ou “oralização sinalizada”?**

Anderson Tavares Correia - UFPE<sup>1</sup>

Rosângela Aparecida Ferreira Lima - UFPE<sup>2</sup>

Francisco José de Lima - UFPE<sup>3</sup>

O presente artigo discute a utilização da datilologia, uma forma de “escrita” com sinais “mano-espaciais”, frequentemente empregada na tradução da língua oral para a língua de sinais, defendendo que datilologia não é tradução. A escrita, reconhecidamente contribui para o registro, a conservação e o acesso de informações através da representação gráfica de uma dada língua. A língua de sinais representa uma das maiores conquistas para as pessoas surdas, pois possibilita a quebra de barreiras comunicacionais, através de um sistema acessível a elas por sua natureza visuoespacial e cinestésica. Todavia, as línguas de sinais não têm tradição de registro escrito, como o que ocorre com muitas línguas orais. Na mediação da comunicação entre falantes da língua de sinais e da língua oral, o intérprete de língua de sinais vem desempenhar uma importante função. Espera-se deste profissional um suficiente conhecimento das duas línguas e de técnicas de tradução. Na ausência do conhecimento mais profundo ou na dificuldade de empregar a tradução da língua oral para a de sinais, tem-se usado a datilologia, soletração da palavra da língua oral pelo alfabeto manual que, no entanto, não pode ser confundida com tradução. Esse uso da datilologia leva o falante da língua de sinais a uma situação de desvantagem no acesso à informação, uma vez que condiciona sua compreensão ao conhecimento da língua oral. O uso da datilologia se deve, em parte, pela inexistência de um registro gráfico para as línguas de sinais com características de uso amplo, de tal sorte flexível que se molde às necessidades da língua, e com regras pensadas de modo a colocar a escrita a serviço da língua, e nunca o contrário. Entre os registros existentes, o mais conhecido é o Sign Writing, de Sutton, que contribui com uma escrita fonética da língua de sinais, permitindo uma descrição detalhada de todos os fonemas que constituem o sinal falado, característica de grande valia, especialmente para aprendizes da língua. No entanto, o registro tão detalhado dos sinais escritos pode configurar-se também em uma limitação do

---

<sup>1</sup> Pedagogo (UFPE). Mestrando em Educação (UFPE) na linha de pesquisa Didática de Conteúdos Específicos. Professor Tutor do Bacharelado em Letras Libras – Universidade Federal de Santa Catarina – Polo UFPE

<sup>2</sup> Doutora em Linguística (UNESP). Professora adjunto do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Coordenadora do Letras-Libras - Universidade Federal de Santa Catarina - Polo UFPE.

<sup>3</sup> Doutor em Psicofísica Sensorial (USP), professor adjunto do Centro de Educação (UFPE), Coordenador do Centro de Estudos Inclusivos (UFPE)

sistema para uso cotidiano, tornando sua escrita volumosa e complexa quanto à quantidade de elementos gráficos. Esta limitação foi superada pelo sistema ELiS, criado por Barros, cuja principal contribuição é apresentar a escrita de forma alfabética e linear, característica facilitadora do processo de produção de textos. Outro ganho do sistema ELiS é a reduzida quantidade de elementos gráficos. Cita-se ainda um terceiro sistema de escrita, o Sistema de Notação de Sinais, de Lima. Esta Notação apresenta uma redução da quantidade de caracteres; a possibilidade de um prático registro manual (em tinta ou em Braille) e digital; a possibilidade do uso em qualquer uma das línguas de sinais. A Notação de Sinais não é uma transcrição fonética, mas iconográfica da língua de sinais, preservando a característica visuoespacial e cinestésica peculiar a essa modalidade de língua.

**PALAVRAS-CHAVE: tradutor intérprete, línguas de sinais, escrita de sinais.**

### **Datilologia, tradução ou “oralização sinalizada”?**

Este trabalho discute a utilização da datilologia, uma forma de “escrita” com sinais “mano-espaciais”, frequentemente empregada na tradução da língua oral para a língua de sinais, defendendo que datilologia não é tradução.

As Línguas de Sinais representam uma das maiores conquistas para as pessoas surdas, pois possibilitam a quebra de barreiras comunicacionais, através de um sistema acessível a elas por sua natureza visuoespacial e cinestésica. Apresentam as propriedades específicas das línguas naturais. Seus léxicos são articulados através das mãos, das expressões faciais e corporais (Quadros e Karnopp, 2004).

Na mediação da comunicação entre falantes da língua de sinais e da língua oral, o intérprete de língua de sinais vem desempenhar uma importante função. Espera-se deste profissional um suficiente conhecimento das duas línguas e de técnicas de tradução.

O intérprete é o responsável pela comunicação entre falantes de uma língua A e falantes de uma língua B. O intérprete de Libras tem a especificidade de traduzir a Língua Brasileira de Sinais para a Língua Portuguesa e vice-versa, tornando-se o canal de comunicação entre falantes de uma e de outra língua. Este intérprete pode atuar em diferentes contextos comunicacionais como, por exemplo, em palestras, programas de televisão, salas de aula, cultos religiosos etc. (Correia, 2008)

A datilologia é uma forma de “escrita” que utiliza recursos da língua de sinais para designar palavras da língua oral:

Quando não existe um sinal para determinado conceito, a datilologia é utilizada para soletrar palavras da língua oral. Nesse caso, diz-se que essas soletrações são empréstimos da língua portuguesa. O alfabeto manual é a mera transposição para o espaço, por meio das mãos, dos grafemas da palavra da língua oral. (Rosa, 2005, p.40)

Embora seja empregada com muita frequência na tradução e interpretação entre as duas línguas, a datilologia não pode ser chamada propriamente de tradução, já que expõe a palavra em sua escrita na língua oral, e não mostra o léxico na língua de sinais. Não falamos aqui dos léxicos da língua de sinais produzidos por configurações de mãos correspondentes a uma ou mais letras do alfabeto manual, coincidindo com a palavra na língua oral ou parte dela, como por exemplo o sinal de “Classificador” na Língua Brasileira de Sinais, feito com a mão configurada em “C” seguida da mão configurada em “L”; ou do sinal de “Cadastro de Pessoas Físicas”, feito com a configuração em “C”, “P” e “F” (Capovilla, 2008, p.415 e 478). Esses são reconhecidamente léxicos da Língua de Sinais. Pretendemos chamar a atenção quanto ao uso de palavras da língua oral dentro do enunciado em língua de sinais.

Uma série de fatores é levada em conta na escolha pela datilologia no ato tradutório. O principal deles é a ausência de um termo correspondente na língua de sinais. Assim, a datilologia é utilizada “para soletrar, quando, no momento da apresentação, se pretende informar o nome das pessoas; ou ainda quando não se conhece o sinal do conceito” (Rosa, 2005, p.40). No entanto, nem sempre essa ausência de correspondentes justifica o uso da datilologia. Ela pode evidenciar também que o vocabulário do intérprete na língua fonte e/ou na língua alvo não é suficiente.

O uso da datilologia leva o falante da língua de sinais a uma situação de desvantagem no acesso à informação, uma vez que condiciona sua compreensão ao conhecimento da língua oral. Caso o público da tradução não tenha conhecimentos nas duas línguas, provavelmente não terá a compreensão total do enunciado.

A escrita é a “representação da língua falada por meio de registros gráficos” (Higounet, 2003). Ela representa um marco na história da humanidade, por permitir o registro, a conservação e o acesso de informações. As principais línguas orais valem-se da modalidade escrita, mas muitas outras línguas – denominadas ágrafas – não desenvolveram um sistema de notação gráfica, e muitas delas desapareceram sem deixar nenhum registro.

O não uso de um sistema de escrita é característico das línguas de sinais, de maneira geral. A falta de uma tradição escrita leva os menos avisados a não reconhecerem que as

línguas de sinais são de fato línguas, ou mesmo considerando-as línguas classificam-nas inferiores em relação às línguas orais com tradição escrita, como apontam os estudos de Finau (2006), Leite e McCleary (2009), Estelita (2009), entre outros.

O uso da datilologia se deve, em parte, pela inexistência de um registro gráfico para as línguas de sinais com características de uso amplo, de tal sorte flexível que se molde às necessidades da língua, e com regras pensadas de modo a colocar a escrita a serviço da língua, e nunca o contrário.

Entre os registros existentes, o mais conhecido é o Sign Writing, de Sutton, que contribui com uma escrita fonética da língua de sinais, permitindo uma descrição detalhada de todos os fonemas que constituem o sinal falado, característica de grande valia, especialmente para aprendizes da língua. O sistema SignWriting seria uma escrita fonética desde sua criação. Capovilla diz que o SignWriting está para as línguas de sinais como está o Alfabeto Fonético Internacional para as línguas orais, já que “permite uma descrição detalhada dos quiremas de uma Língua de Sinais e um registro preciso dos sinais que resultam de sua combinação” (Capovilla, 2008, página 55). No entanto, o registro tão detalhado dos sinais escritos pode configurar-se também em uma limitação do sistema para uso cotidiano, tornando sua escrita volumosa e complexa quanto à quantidade de elementos gráficos.

Esta limitação foi superada pelo sistema ELiS, criado por Barros (2008), cuja principal contribuição é apresentar a escrita de forma alfabética e linear, característica facilitadora do processo de produção de textos. Outro ganho do sistema ELiS é a reduzida quantidade de elementos gráficos.

Cita-se ainda um terceiro sistema de escrita, o Sistema de Notação de Sinais, de Lima. Esta Notação apresenta uma redução da quantidade de caracteres; a possibilidade de um prático registro manual (em tinta ou em Braille) e digital; a possibilidade do uso em qualquer uma das línguas de sinais. A Notação de Sinais não é uma transcrição fonética, mas iconográfica da língua de sinais, preservando a característica visuoespacial e cinestésica peculiar a essa modalidade de língua. Nas palavras do autor,

ao considerar a aplicação da Notação de Sinais, há que se priorizar a preservação da Língua de Sinais de uma determinada comunidade, determinante da Notação. Não faremos a escrita fonética da língua, mas sim a notação gráfica iconográfica que considera o caráter visuoespacial e sinestésico dessa modalidade lingüística. (Lima, 2003)

A Notação de Sinais de Lima não é uma escrita que faz a transcrição fonética de uma língua de sinais, mas uma representação iconográfica da Língua de Sinais, preservando as características visuoespacial peculiar a essa modalidade de língua.

Diante dos sistemas de registro gráfico apresentados e de outros existentes, refletimos a necessidade de pesquisas sobre os sistemas conhecidos em busca da verificação dos conhecidos benefícios da modalidade escrita na vida dos usuários das línguas de sinais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Mariângela Estelita. **ELiS – Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática.** (Tese de Doutorado). Florianópolis: UFSC, 2008.

BARROS, Mariângela Estelita. **Por uma ordem “alfabética” nos dicionários de línguas de sinais.** In: QUADROS, R.M. e STUMPF, M.R. (Org.). Estudos Surdos IV. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009, páginas 124 a 141.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da língua de sinais brasileira (libras), v. I e II – 3ª ed.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CORREIA, Anderson Tavares; MACEDO JR, Márcio Ribeiro; LIMA, Francisco José de. **O intérprete de Língua Brasileira de Sinais no Ensino Fundamental e seu papel na escola comum** (Artigo – trabalho de conclusão de curso). Recife: UFPE, Centro de Educação, Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, 2008.

FINAU, Rossana. **Possíveis encontros entre cultura surda, ensino e linguística.** In: QUADROS, Ronice Müller de. (Org.). Estudos Surdos I. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

LEITE, Emeli Marques Costa. **Os papéis do intérprete de Libras na sala de aula inclusiva.** Petrópolis: Editora Arara Azul, 2005.

LEITE, Tarcísio de Arantes e MCCLEARY, Leland. **Estudo em diário: Fatores complicadores e facilitadores no processo de aprendizagem da Língua de Sinais Brasileira por um adulto ouvinte.** In: QUADROS, Ronice Müller de. e STUMPF, Marianne Rossi. Estudos Surdos IV. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009.

LIMA, Francisco José de. **Sistema de Notação de Sinais.** Comunicação Pessoal, 2003.

QUADROS, Ronice Muller de. e KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROSA, Andréa da Silva. **Entre a visibilidade da tradução da Língua de Sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete.** Petrópolis: Editora Arara Azul, 2005.

SUTTON, Valerie. **Lições sobre o SignWriting.** [online] disponível em: <<http://www.signwriting.org/lessons/lessonsw/Portuguese.html>>, 1996. Acessado em 30 de agosto de 2009, 11h10.